

**FLEXIBILIDADE MORAL COMO TALENTO:  
O CASO DOS FILMES OBRIGADO POR FUMAR E AMOR SEM ESCALAS**

Bruna Werneck de Andrade Bakker<sup>1</sup>

**Resumo:** Através de cenas e personagens dos filmes *Obrigado por fumar* (2005) e *Amor sem escadas* (2009), este artigo discute as possíveis reverberações das novas demandas de trabalho no atual cenário neoliberal, pautado pela instabilidade do mercado e pela exigência cada vez maior de flexibilidade e adaptabilidade dos sujeitos tanto no aspecto profissional quanto pessoal de suas vidas. Para isto, apresento como quadro de referência teórico o conceito de governamentalidade neoliberal de Michel Foucault, aliado às considerações de Alain Eherenberg e Richard Sennett acerca dos impactos sociais dos rearranjos das empresas e do trabalho nos últimos anos.

**Palavras-chave:** governamentalidade neoliberal, análise fílmica, trabalho.

*A indústria de automóveis está em queda, o mercado imobiliário não dá sinais de vida. É um dos piores momentos já vividos pela América. Este... é o nosso momento.*

– Trecho de *Amor sem escadas*

*Não vendemos balas, pelo amor de Deus! Vendemos cigarros! E eles são legais, disponíveis e viciam! Não precisamos fazer quase nada!*

– Trecho de *Obrigado por fumar*

Eficientes, conscientes do que fazem e moralmente flexíveis: talvez se possa dizer que estes são alguns dos pontos comuns dos protagonistas Ryan Bingham (George Clooney) e Nick Naylor (Aaron Eckhart) dos filmes *Amor sem escadas* e *Obrigado por fumar*, respectivamente. Estas duas produções do diretor canadense Jason Reitman apresentam as trajetórias destes personagens em seus peculiares ofícios: Bingham é funcionário de uma empresa cuja única função é demitir pessoas, enquanto Naylor é o perspicaz *lobbyist* da Academia de Estudos do Tabaco, instituição em defesa das grandes indústrias de cigarros. O que poderia ser apresentado numa trama repleta de questionamentos morais nas histórias de cada personagem – uma vez que suas funções remetem ao prejuízo direto de outras pessoas -, é abordado por Reitman através das

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação da ECO/UFRJ e bolsista Faperj. bruna.bakker@gmail.com



convicções de um trabalho bem-feito por parte de seus protagonistas. Esta certeza, no entanto, não provém de uma inocência acerca dos malefícios de suas ações, mas de uma isenção de culpa pelo trabalho que possuem: "Todos precisam pagar a hipoteca", ironiza Naylor em seu depoimento sobre a verdadeira razão de seu trabalho.

Conforme ilustram as frases acima - referentes às falas dos patrões dos protagonistas - há nas tramas uma necessidade de situar o espectador neste mundo de negócios, calcado em um código moral pouco rígido, como os próprios personagens também revelam quando Naylor justifica que sua profissão exige que seja "moralmente flexível", ou quando Bingham questiona o novo sistema virtual que se pretende implementar em sua empresa. Ambos não são forçados ou manipulados para exercerem suas funções. Ao contrário, a dificuldade de seus respectivos trabalhos parece envaidecê-los, ressaltando a retórica privilegiada que possuem.

Orientados por seu poder de persuasão, Naylor e Bingham carregam suas argumentações do bem-quisto ideal de "liberdade de escolhas", apoiando-se também nas afins propostas de autonomia e autorrealização não só em âmbito profissional, mas também na esfera privada. Ao se utilizarem de um envolvente discurso que clama pela individualidade dos sujeitos, atuando de forma ímpar no poder de decisão de seus interlocutores – Naylor cooptando fumantes e defendendo grandes corporações do rechaço massivo aos cigarros e Bingham contendo a fúria de contingentes cada vez maiores de desempregados em benefício das empresas -, ambos filmes esboçam elementos afins ao conceito cunhado por Michel Foucault de "governamentalidade", mais especificamente, seu exercício no modelo neoliberal norte-americano.

Proponho, portanto, analisar neste artigo de que formas determinadas mudanças nas estruturas atuais do mundo corporativo - tal qual flexibilidade, adaptabilidade, eficiência e mobilidade - são resgatadas nestas duas tramas de Reitman. Sob a luz do conceito de governamentalidade neoliberal, proposto por Michel Foucault (1988, 2006, 2008), este trabalho se pretende mais a um ensaio, uma forma de entender a caracterização e as ações dos personagens consoante uma racionalidade cara a esta "arte de governar" neoliberal. Utilizo também as reflexões de Richard Sennett (1999) acerca de uma derrocada da ideia de caráter diante os rearranjos do que o próprio autor chama de "capitalismo flexível", bem como as ideias de Alain Ehrenberg (2010) acerca da atual influência do modelo de empresa na vida privada dos sujeitos.

## **Liberdade, responsabilidade e trabalho: nuances da governamentalidade neoliberal**

Da segurança de um plano de carreira à sucessão instável de projetos a curto prazo; da imponência de um "chefe" às exigências diretas do consumidor ou cliente. Frente uma dinâmica de mercado que prima pela mobilidade no tempo e no espaço, a suscetibilidade ao "risco" e a capacidade de permanente reinvencção de si mesmo passam a representar tanto qualidades desejáveis quanto exigências hostis.

Flexibilização, adaptabilidade e pró-atividade, termos que ecoam como lemas do novo trabalhador, modificando as bases sólidas dos “funcionários-modelo” de décadas atrás, cuja longevidade numa mesma empresa - incentivada pela possibilidade de ascender na carreira - já não se faz presente nos horizontes contemporâneos. A imagem do empresário calcada na certeza do trabalho bem-feito pelo domínio dos saberes necessários ao ofício (seja pela longa experiência ou pela capacitação técnica, difundidas ao longo do século XX), parece esmaecer. Diante deste cenário aparentemente caótico, no qual a escassez de estabilidade empregatícia aliada à rapidez com que a tecnologia e tendências de mercado se renovam, pode parecer contraditório alegar que o espaço de trabalho seja, cada vez mais, um meio para a autorrealização pessoal, ou, como diria Jacques Donzelot (1991), uma atividade prazerosa.

Avaliando o contexto francês dos últimos anos, Donzelot (1991) analisa a ascensão de um imaginário de "prazer no trabalho", modificando o que o autor identifica como a máxima outrora corrente em regimes fascistas de "alegria por meio do trabalho" (*joy through work*). Enquanto a primeira se alinhava à celebração dos fins da produtividade sob controle Estatal, esta segunda supõe modificações das próprias estruturas de emprego – horas flexíveis, permanente investimento em si, instabilidade e modificação das próprias funções. Inagura-se, portanto, uma nova abordagem dos sujeitos às suas profissões, na qual acentua-se a autonomia individual e, sobretudo, a capacidade de adaptação dos trabalhadores. Como diria Donzelot (1991), convida-os a serem "agentes da mudança, num mundo em mudança"(p. 252, grifo nosso).

Assim, a busca por prazer no trabalho se traduz como um dos meios de realização pessoal. A liberdade individual é, neste sentido, vista como a possibilidade de se estar permanentemente desenvolvendo suas capacidades de acordo com a satisfação que se obteria no trabalho, refletindo uma mescla entre necessidade e vontade de

empreender esforços em prol de uma "formação permanente" (DONZELOT, 1991). Esta seria uma dinâmica comum ao modelo neoliberal, cuja ênfase no conceito de "capital humano" é primordial (COSTA, 2009; HAMMAN, 2009; LÓPEZ-RUIZ, 2007).

Desenvolvida por análises econômicas da chamada Escola de Chicago nos anos 60, a teoria do Capital Humano pressupõe, *grosso modo*, um "conjunto de capacidades, destrezas e aptidões próprias dos homens" que, conforme orienta López-Ruiz (2007) "adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital" (p. 18). O indivíduo vê-se como uma empresa, "uma entidade que funciona sob o imperativo permanente de fazer investimentos em si mesmo e a produzir fluxos de renda, avaliando racionalmente as relações de custo/benefício que suas decisões implicam" (COSTA, 2009, p. 177). Frente esta perspectiva, a separação entre indivíduo e capital já não seria absoluta, uma vez que a inserção do trabalhador no mercado se daria pelo reconhecimento de si mesmo enquanto capital, através do valor de mercado obtido por seu "capital humano"; algo que o *slogan* da revista brasileira *Você s/a* ilustra de modo consistente: "seja seu melhor investimento".

Diante deste novo prisma, os sujeitos assumiriam individualmente seus próprios riscos. Mais do que a busca pelo investimento em educação – que se traduziria como uma de suas moedas mais correntes -, os bens caros a esta dinâmica de acúmulo de capital humano dos trabalhadores alude também, tal qual sugerido por Hamman (2009), às suas capacidades inatas, às formas de ação e condução dos indivíduos sobre suas vidas.

Segundo Michel Foucault (2008), uma das maiores contribuições da Escola de Chicago com a teoria do capital humano seria a reelaboração do que constitui uma análise econômica, não mais restrita a cálculos e estatísticas, mas também a estudos comportamentais, cuja atenção se volta às dinâmicas dos indivíduos: "A economia não é mais, portanto, a análise de processos, é a análise de uma atividade. Já não é, portanto, a análise da lógica histórica de processo, é a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos (Idem, p. 307)". Orientando os indivíduos a agirem de acordo a uma conduta específica, a teoria do capital humano foi, portanto, essencial para o que Michel Foucault denominaria *governamentalidade neoliberal* (BURCHEL, 1991; COSTA, 2009; FOUCAULT, 2008, 2009; HAMMAN, 2009; LOPÉZ-RUIZ, 2008)

O conceito de governamentalidade consistiria numa racionalidade de governo específica, uma forma de atividade que alveja dar forma, guiar ou afetar a conduta de uma ou mais pessoas; sendo "uma conduta da conduta". Para Graham Burchell (1991), ao recorrer mais à persuasão que à coerção, os processos de individualidade e subjetivação surgem como centrais na perspectiva da governamentalidade, cuja racionalidade de suas técnicas de governo almejavam mobilizar, conduzir os indivíduos a objetivos que, simultaneamente, aumentariam e assegurariam a soberania do Estado e do mercado, ao mesmo tempo em que garantiriam a felicidade dos sujeitos (p. 122).

Articulada ao contexto neoliberal, o objetivo central desta governamentalidade residiria na criação estratégica de condições sociais que encorajem e necessitem do chamado *homo economicus* - uma forma de subjetividade pautada pela racionalidade empresarial, orientando através do cálculo de custo-benefício e do auto-investimento as interações destes tanto na esfera profissional quanto pessoal de suas vidas.

Acometidos pelos riscos que tomam individualmente, os "sujeitos neoliberais" são culpabilizados por seus fracassos, ao mesmo tempo em que felicitados por seus ganhos. Mais do que a busca pelo investimento em educação – que se traduziria como uma das "moedas" mais correntes do capital humano -, os bens caros a esta dinâmica de capitalização dos trabalhadores remete também, tal qual sugerido por Hamman (1991), a todo um complexo de habilidades inatas, aos talentos de cada indivíduo. Amiúde, as minúcias da personalidade dos profissionais parecem deslocar as atenções de seus currículos acadêmicos.

Entrelaçado a um conflito entre técnica e destreza, entre proezas teóricas e resultados práticos, as narrativas de ambos filmes aqui abordados apresentam questões pertinentes a estas mudanças. De formação profissional pouco rebuscada, mas absolutamente perspicazes, tanto Nick Naylor quanto Ryan Bingham surgem como personagens caricatos, elaborados a partir da adesão incondicional de novas lições de empreendedorismo e da otimização do capital humano que possuem: Naylor, seduzido por seu talento ímpar em "defender os indefesos" - como costuma fazer alusão às empresas multinacionais atualmente "rechaçadas por seus próprios consumidores", lamenta o personagem -; Bingham, seguindo à risca o lema da flexibilidade, do desapego e dos projetos a curto-prazo, literalmente vivendo sua vida no trabalho.

É a partir da singularidade dos protagonistas na forma como vivem suas vidas e se envolvem com seus ofícios, que esmiuçarei a relação destes tanto com o conceito de capital humano quanto com novas formas de sociabilidade e interação com o tempo, a partir, sobretudo de considerações de Richard Sennett (1999).

### **Flexibilidade moral como talento: o capital humano do personagem Nick Naylor**

Vocês devem pensar por si mesmos. Devem desafiar a autoridade. Se seus pais dissessem que chocolate é perigoso, vocês aceitariam? Não, certo? Exatamente! Em vez de agirem como ovelhas sobre os cigarros, deviam descobrir por si mesmos.  
– *Obrigado por fumar*

*Lobbyist* da "Academia de Estudos do Tabaco" – uma organização promovida pelas próprias indústrias de tabaco em busca de resultados pouco incriminatórios sobre o uso a longo prazo destas substâncias - Nick Naylor (Aaron Eckhart) discursa sobre seu trabalho numa singela apresentação sobre as profissões dos pais na escola primária de seu filho Joey (Cameron Bright). Ao se deparar com as expressões de indignação das crianças e da professora acerca de seu trabalho em defesa do cigarro, Naylor profetiza a frase acima à classe ao ser acusado por uma das crianças: "Mamãe fumava. Ela diz que os cigarros matam". Prontamente, Naylor contesta: "É mesmo? Sua mãe é médica? É uma pesquisadora científica? Bem, ela não parece ser uma especialista confiável, não é?".

O que parece curioso aqui é justamente o deslocamento que o personagem realiza da função desta "liberdade de escolha". Utilizando as mesmas retóricas para qualquer público que tenha que enfrentar, o personagem parece exagerar ao trazer à tona a retórica da "liberdade" justamente a um grupo de crianças, cujas "liberdades" e "escolhas" presume-se que devam ser profundamente orientadas, disciplinadas e, não raro, cerceadas e reprimidas.

Este uso instrumental da "liberdade" é articulado em outro momento do filme quando Naylor vai a Los Angeles negociar com o produtor de cinema Jeff Megall (Rob Lowe) a inclusão dos cigarros em filmes hollywoodianos – desvencilhando seu uso exclusivo do que Megall chama de "R.A.Vs" (russos, árabes e vilões). Quando perguntado por Naylor se haveria da parte dele alguma preocupação quanto a "questão da saúde" (the health element) - alguma inquietação moral ou até mesmo prejudicial

para a imagem dos filmes -, Megall responde: "Não sou médico. Sou um facilitador. Qualquer informação que as pessoas desejem, está a sua disposição. As pessoas decidirão por elas mesmas. Não posso decidir por elas. Seria moralmente presunçoso". Fascinado pela resposta, Naylor deduz com um sorriso no rosto: "Eu posso aprender muito com esse homem".

A retórica bem-sucedida tanto de Naylor quanto Megall é fruto de uma combinação bastante popular e eficaz: recorrer ao imaginário de liberdade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que ressalvas ou questionamentos de ordem moral são deixados de lado. Segundo o protagonista, o que ele faz é somente usufruir de um talento que possui: "Michael Jordan joga bola. Charles Manson mata pessoas. Eu falo. Todo mundo tem um talento", retruca.

A destreza de sua fala é algo de que se vangloria ao longo da trama, sobretudo por considerar esta sua maior qualidade, algo que não lhe custou estudos ou nenhuma formação: "Sou pago para falar. Não sou doutor, nem advogado. Sou bacharel em ofender e em ser xingado. Sabe o cara que conquista qualquer garota? Sou eu", apresenta-se Nick Naylor logo no início de *Obrigado por fumar*.

As capacidades inatas de Naylor são ainda por ele ressaltadas várias vezes ao longo do filme, tendo particular relevância quando ele conversa com seu filho acerca de suas aptidões para o trabalho como *lobbyist* a seu filho.

Joey: Pai, o que realmente você faz?

Nick: Eu sou um *lobbyist*.

Joey: Eu sei, mas você estudou para fazer isso?

Nick: Não, eu fui me descobrindo nisso.

Joey: Então, qualquer um pode fazer isso?

Nick: Não. Isso exige flexibilidade moral, algo que poucas pessoas têm.

Joey: Eu tenho flexibilidade moral?

Nick: Digamos que é um advogado e querem que defenda um assassino. Ou pior, um assassino de crianças. A lei diz que todos têm direito a um julgamento justo. Você o defenderia?

Joey: Não sei. Acho que todos têm direito a defesa.

Nick: Bem, as multinacionais também.

Diante de uma dimensão de estudos ou uma especialização para o trabalho, Naylor exalta uma aptidão incomum, algo que provavelmente não constaria em uma apresentação formal: sua flexibilidade moral. A própria alusão visual à fala de Naylor como uma metralhadora aproxima a relação de sua disposição retórica à sua particular "flexibilidade moral": esta é a arma, o diferencial de Naylor no mercado de trabalho.

Trabalhando para uma instituição financiada pelas próprias indústrias de tabaco em busca de resultados pouco incriminatórios sobre o uso a longo prazo destas substâncias, a ciência de Naylor acerca dos malefícios que sua atividade profissional pode gerar é explicitada em sua primeira fala: "Poucas pessoas neste planeta sabem o que é ser realmente desprezado. Podem culpá-las? Eu ganho a vida defendendo uma organização que mata 1.200 seres humanos por dia". Recai justamente em sua habilidade em não se deixar abalar pelos propósitos escusos deste ofício, seu maior mérito profissional.

Ainda que esta narrativa de Jason Reitman não se baseie em critérios de verossimilhança e tampouco relate a história de Naylor sob contornos heroicos, o personagem consegue ser carismático. O caráter cômico da trama e a extrema e, por vezes, desconcertante franqueza de Naylor são provavelmente os elementos que o desvencilham de quaisquer contornos de vilania que declarações como as do personagem poderiam promover. O que sublinho aqui é o uso da caricatura para ressaltar determinados elementos do perfil empreendedor, como a falta de um certo "pudor moral" (uma vez que ao serem levadas à público suas declarações, Naylor se refugia do mundo em seu apartamento), e o uso instrumental do ideal de "liberdade" em suas argumentações, dando um caráter menos encantatório ao já consolidado "bem em si mesmo" que este imaginário frequentemente aciona.

### **A força de frágeis laços afetivos: sobrevivendo no capitalismo flexível com Ryan Bingham**

Não se enganem, seus relacionamentos são os componentes mais pesados de suas vidas. Todas essas negociações e argumentos, segredos e compromissos. Você não precisa carregar todo esse peso. Alguns animais vivem para acompanhar uns aos outros, viver simbioticamente por toda a vida – estrelas do mar, cisnes monogâmicos. Nós não somos esses animais. Quanto mais devagar nos movemos, mais rápido morreremos. Não somos cisnes. Somos tubarões.  
– *Amor sem escalas*

O trecho acima é apenas uma parte do trabalho de Ryan Bingham, personagem vivido por George Clooney em *Amor sem escalas*. Ainda que sem qualquer formação acadêmica específica que o destaque em seu trabalho, Bingham se torna um guru das palestras motivacionais, esta intitulada: "O que tem na sua bagagem?". Observa-se em sua declaração afinidade ao contexto sócio-econômico diagnosticado por Richard Sennett (1999), pautado pela flexibilidade frente às circunstâncias externas o que,

segundo o autor, passa a ser um dos requisitos mais populares dentre os jovens trabalhadores. Risco e mobilidade refletem tanto uma dinâmica desejável de imprevisibilidade quanto um igualmente intenso desconforto. Avaliando o contexto estadunidense ao longo dos anos 90, Sennett sugere que neste modelo flexível de emprego, na constante mudança como parte do trabalho, na dissolução da ideia "de longo prazo" da gramática do mercado de trabalho, parece modificar-se de forma contundente o conceito de "caráter".

Para o autor, não é tanto uma relação maniqueísta de "caráter" – como um julgamento entre bons e maus caracteres, no qual o primeiro atualmente estaria em desvantagem frente ao segundo -, mas sim uma modificação da própria dimensão do caráter, da sua profundidade e longevidade na vida dos trabalhadores - uma das consequências de uma vida que não seria mais regida pelo "longo prazo", por uma narrativa linear provida pela estabilidade no emprego ou pela rotina; mas sim pela flexibilidade. Percebe-se tanto na palestra quanto na vida de Ryan uma notável afinidade a estes ideais, conforme pode-se apreender de sua declaração:

Para me conhecer, é preciso voar comigo. Aqui é onde eu moro. Quando passo meu cartão, o sistema automaticamente informa à recepcionista que me cumprimente com esta exata frase: “É um prazer vê-lo novamente, senhor Bingham”. São estes toques amigavelmente sistematizados que mantêm meu mundo em órbita. Todas as coisas que você provavelmente odeia em viagens: o ar reciclado, a iluminação artificial, as máquinas de suco, o sushi barato... são calorosas lembranças de que estou em casa.

Seu talento quanto ao desapego afetivo se transforma em mais um braço de seu ofício, promovendo palestras motivacionais sobre a capacidade das pessoas em seguir adiante com suas vidas. "Quanto a sua vida pesa?", pergunta Ryan à plateia pouco antes de pedir-lhes que se imaginem carregando, somente numa mochila, todas "as coisas de suas vidas": "comece com as coisas pequenas – coisas na prateleira, gavetas, souvenirs... Sinta o peso que isso agregou. Agora, comece a colocar as coisas grandes (...) Está ficando bastante pesada... e ficará ainda mais". Após pedir que carreguem-na ainda com suas casas, carros e móveis, o protagonista propõe: "Agora, tente andar", e a plateia timidamente ri, "é um pouco difícil, não é? Isto é o que fazemos em nosso cotidiano. Carregamos tanto peso que não podemos sequer andar... E não se engane: movimento é vida".

Contextualizado a um ambiente empresarial, este discurso remete a uma inquietação pertinente: como nos apegamos a ambientes e colegas de trabalho, se há

sempre a eminência de demissão? Como nos apegarmos a relacionamentos se o dinamismo da vida cotidiana nos impõe constante mudança? Esta proposta parece descortinar uma "empresarização da vida", como propõe Alain Ehrenberg (2010), em um movimento de gestão das relações interpessoais tal qual uma empresa, na qual a "otimização do tempo" parece encabeçar a lista de prioridades. Novas relações com o tempo passam a despontar. Conforme sugere Bauman (1998), há uma relação com o presente que o isola do "fluxo do tempo", evitando que as consequências do passado venham a intervir na ação dos indivíduos, assim como uma recusa a comprometer-se com um futuro cada vez menos previsível. Reflete-se com isso a presença de um "presente contínuo", cuja maior habilidade é a de poder mover-se e não ficar parado (p. 113) - como também nos sugere a palestra de Ryan.

Seu primeiro conflito na trama se dá quando vê ameaçada a regularidade de sua vida: suas constantes viagens. A empresa em que trabalha faz uma grande reunião para comunicar modo de trabalho mais econômico e eficiente, apresentadas pela jovem recém-formada da empresa, Natalie Keener (Anna Kendrick). "Nosso global, precisa virar local", sintetiza Natalie através do conceito de "glocal", que seria aplicado à empresa informatizando o serviço de demissão por eles prestado, sendo as demissões feitas via internet.

Alegando ser demasiado dispendioso o formato de demissão em vigência – ou seja, as viagens de cada funcionário às empresas em questão-, a funcionária "de olho no futuro" (como ela é apresentada pelo chefe), propõe um sistema integrado de computação e a considerável redução de gastos, eliminando os frequentes deslocamentos dos funcionários e, por consequência, as viagens de Ryan. "O que fazemos aqui é brutal e deixa as pessoas devastadas. Mas existe dignidade na maneira como eu o faço", defende Bingham quando questionado pela novata.

Inconformado, e contestando a eficácia e, em boa parte, o caráter ético da nova proposta de trabalho, Ryan é obrigado a levar Natalie para as demissões dentro das próprias empresas, para que ela possa entender sobre o quão delicado é o serviço que prestam: "pegamos as pessoas em seu estado mais frágil e as deixamos à deriva", explica. Na primeira demissão que realizam juntos o funcionário se mostra indignado, alegando que devido às limitações financeiras pelas quais passaria, perderia o respeito das filhas. Natalie recorre a metodologias científicas para "positivar" a "dispensa" (como, criteriosamente, comunicam a demissão dos funcionários), alegando que

estatísticas comprovariam que após "traumas moderados", as crianças aumentariam seu desempenho acadêmico. Neste momento, Ryan advoga em favor da atualmente mais justificável motivação para o trabalho: a felicidade. "Sabe por que as crianças amam atletas? Porque eles seguiram os seus sonhos", argumenta Ryan. O momento de desemprego é visto menos como uma privação e mais como uma oportunidade de mudança de vida, um "wake-up call":

Vejo homens que trabalharam suas vidas inteiras para a mesma companhia, exatamente como você. Eles batem ponto na entrada e na saída e nunca tiveram um momento de felicidade. Você tem uma oportunidade aqui, Bob. Isto é um renascimento. E se não fizer por você, faça-o por suas filhas.

Outras frases de efeito compõem o repertório de trabalho de Ryan: "todos que construíram impérios ou mudaram o mundo, já sentaram onde você está sentado agora. E foi porque sentaram aí, que puderam fazê-lo". Aqui, o "risco", a possibilidade de sair de sua "zona de conforto" com o fim da estabilidade no trabalho, é percebido como oportunidade. É através deste evento desconcertante de demissão, que se propõe aos funcionários "seguirem seus sonhos" (to follow their dreams) - não só como um meio de subsistência mais eficiente (uma vez que motivados, os funcionários poderiam render melhor nas novas profissões), mas também como uma forma de superar-se e obter respeito das filhas, de impôr-se socialmente.

A sugestão de Ryan não foge muito ao que identifica Donzelot, conforme já proposto anteriormente, com o atual imaginário (talvez imperativo) de "prazer no trabalho". O trabalho torna-se um dos meios primeiros de realização pessoal e, portanto, em mais um dos quesitos da responsabilidade pessoal mediante êxitos e fracassos. Este é apenas mais um dos elementos da suposta liberdade mantida à ferro e fogo no cenário neoliberal.

Donzelot (1991) argumenta que a liberdade do indivíduo é atualmente vista como uma possibilidade permanente dos sujeitos em estarem sempre desenvolvendo suas capacidades de acordo com a satisfação e envolvimento no trabalho que exercem (p. 252). Ryan é um exemplo desta satisfação no trabalho. No entanto, ainda que esteja seguro em haver encontrado a melhor forma de viver sua vida, o personagem entra em conflito, promovido pelo contato com outra perspectiva de vida, alheia ao seu trabalho, focada nos tradicionais desejos dos protagonistas de filmes de romance: amor, casa e família.

Ele é a personificação da empresa para que trabalha em sua agilidade e competência, parece seguir à risca os próprios conselhos que dá em sua palestra motivacional. Porém, seus questionamentos quanto à vida surgem quando ele se confronta com a vida "real" de Alex (Vera Farmiga). Acompanhamos toda a trajetória de seu relacionamento com ela ao longo do filme: se conhecem em um bar de hotel, ambos bem-vestidos com o rigor e elegância de empresários, e cujo contato inicial se dá por uma paixão comum: cartões, seja de crédito, empresas de aluguel de carros ou ainda companhias aéreas. Este elemento traz à tona uma característica comum entre os dois que é retomada a exaustão ao longo do filme: não gostam de perder tempo.

A agilidade dos cartões, a fluidez dos encontros casuais em aeroportos ou hotéis e a agenda de trabalho atribulada parecem solidarizar um ao outro, no entanto, a vida de Ryan é o que ele vive no trabalho: “ano passado, eu gastei 322 dias na estrada. Ou seja, tive que passar 43 miseráveis dias em casa”, revela o personagem. Já Alex, surpreende Ryan justamente por esta diferença que mantem: ela sim, tem uma vida "fora" do trabalho. Buscando surpreendê-la em um rompante de romantismo – perspectiva corroborada pelos indícios visuais e sonoros da cena, como a triunfal trilha sonora -, Ryan vai até a residência de Alex e descobre que ela além de casada, tem filhos e uma "vida comum" (*regular life*): “Eu pensava que a nossa relação estava clara. Quero dizer, que você era uma fuga. Você é uma pausa na minha vida normal... você é um parêntesis”, propõe Alex. Após esta situação e a visível decepção do protagonista, o desfecho do filme revela o quanto "à deriva" está Ryan.

## **Conclusão**

A consciência dos malefícios que seus trabalhos geram é um dos principais elementos da caracterização dos protagonistas em ambos filmes. O que parece distanciar um personagem de outro é alguma reflexão acerca de seus trabalhos, assim como de suas vidas. Assim como os funcionários que demite, Ryan está à deriva. Ao se retirar um pouco de sua infrene dinâmica de trabalho, o personagem vê uma gama de relações que está perdendo e passa a questionar suas antigas metas e desejos. Ainda que pareça um desfecho de cunho moralista, Reitman o faz de maneira diferente: apesar de se questionar e querer mudar sua vida, o personagem não consegue fazê-lo.

Por outro lado, Naylor não parece se afetar com as consequências de suas atividades no trabalho, pelo contrário, as dificuldades em defender esta indústria parecem fasciná-lo: "é como ser um artista de cinema", define Naylor acerca de sua profissão de *lobbyist*. Talvez, sua falta de questionamento acerca do que faz seja oriunda da própria eficiência como o faz, do prazer de realizar seu trabalho: "defender os indefesos; defender as empresas do ostracismo, abandonadas por seus próprios consumidores; os madeireiros; os capatazes exploradores; os caçadores de filhotes de foca", apresenta em seu peculiar ponto de vista.

Conforme conclui Hamann (2009) a estratégia neoliberal em difundir valores de mercado em cada aspecto da vida social e relegar aos indivíduos as responsabilidades outrora externas a eles foi bem sucedida (p. 41). Uma destas é a vida como um projeto em eterno recomeço, constatemente aberta a novos horizontes e, muitas vezes, conforme sugere Eherenberg (2009), "gerenciada" (no mais utilizado termo administrativo) como uma "empresa", permanece como um dos mais prezados objetivos de vida. O que se pode perceber nestas curiosas articulações de Reitman sobre o mundo do trabalho é justamente uma certa negação do tradicional romantismo dos filmes. Não há o que se poderia chamar de uma recuperação do caráter ou da vida dos personagens. Seus "heróis" do mundo corporativo são assim, eficientemente às avessas, flexivelmente amorais.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. O Mal estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BURCHELL, G. Peculiar Interests: Civil Society and Governing 'The System of Natural Liberty'. IN: *The Foucault Effects: studies in Governmentality/* edited by Colin Gordon, Graham Burchell and Peter Miller. University of Chicago Press, Chicago, 1991
- COSTA, Sylvio. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. Revista Educação e Realidade. Maio/Agosto 2009.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. O indivíduo sob perfusão. Editora Ideias e letras. São Paulo. 2010
- FOUCAULT, M. El sujeto y el poder. *Revista Mexicana de Sociología* 50, no. 3: 3-20, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009
- GORDON, C. Governmental Rationality: An Introduction. IN: *The Foucault Effects: studies in Governmentality/* edited by Colin Gordon, Graham Burchell and Peter Miller. University of Chicago Press, Chicago, 1991

HAMMAN, Trent. Neoliberalism, Governmentality, and Ethics. *Foucault Studies*, No 6, pp. 37-59, 2009.

LOPEZ-RUIZ, Oswaldo. *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

### **Filmografia**

*Amor sem escalas [Up in the air]*. Diretor: Jason Reitman. Produção: Jeffrey Clifford, Daniel Dubiecki, Ivan Reitman e Jason Reitman. Paramount Pictures: 2009

*Obrigado por fumar. [Thank you for smoking]*. Diretor: Jason Reitman. Produção: Ivan Reitman e Jason Reitman. Fox Searchlight pictures: 2005.